

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FAMILIAR NA VISÃO DE COMENIUS¹

Autora: Ana Caroline Silva de Oliveira

Acadêmica do Curso de Pedagogia

Orientadora: Maria Aparecida Corrêa Custódio

Doutora em Educação

Universidade Federal do Maranhão

E-mail: ana-carolineoliveira@hotmail.com

Resumo

Este trabalho emergiu da disciplina de História da Educação, especificamente sobre os educadores modernos, entre os quais se destaca Comenius e seu estudo sobre a infância, traduzido recentemente: trata-se da primeira edição neolatina do *Manual da Infância*. A proposta de estudar Comenius reside na ideia de que é muito importante o futuro pedagogo(a) conhecer os pensadores clássicos e interagir com os valores e os princípios que eles deixaram como legado, válidos até a atualidade. Assim, com Comenius se aprende a compreender melhor a criança pequena e seu meio familiar e social; se aprende a entender a relevância da presença da família e da comunidade no desenvolvimento da criança; se aprende a reconhecer o lugar do educador nos processos educativos da criança, hoje condensados nos princípios do “educador, cuidar e brincar”.

Palavras-Chave: História da Educação. Comenius. Infância.

Introdução

Inúmeras são as ideias trazidas ao universo pedagógico por Jan Amos Comenius (1592-1670), conhecido também como o “profeta de princípios e métodos modernos”, que pode ser estudado como alguém que viveu nos séculos XVI/XVII, mas que possuía ideais que estavam além do que a sociedade da época seria capaz de assimilar e aplicar. Incentivador nato da instrução para todos e de forma igualitária, Komensky (como originalmente se escreve o seu nome) defendia ardentemente a ideia do pensamento independente; “ver com os próprios olhos, e tornar-se sábio usando a própria mente” (EBY, 1976, p. 159), pensamento este que ia contra todas as regras da época, sobretudo da cultura católica que deteve por muito tempo o poder de conhecimento.

O período no qual Comenius viveu é marcado por uma série de movimentações. Vale lembrar que desde os séculos XIV/XV surgiram movimentos populares heréticos que

¹ Trabalho curricular apresentado na disciplina de História da Educação.

incentivavam a instrução a fim de capacitar as massas para que cada um pudesse ter contato direto e interpretação pessoal da Bíblia – como Jan Hus (1374-1415) que codificou a ortografia tcheca e redigiu um silabário apresentando frases de conteúdos religiosos em ordem alfabética. Na verdade, a ideia de uma reforma da Igreja Católica e de sua forma de ensinar estava ganhando cada vez mais força e apoio de diversas partes da Europa, embora a Igreja ainda detivesse o poder e reprimisse aqueles que desejavam disseminar e/ou adquirir conhecimento. Os reformadores pensavam em propagar o conhecimento com o intuito de formar missionários, mensageiros da palavra de Deus. Essa era uma forma ainda simples e discreta de disseminar os conhecimentos de leitura (pois até aqui se trata somente de ensinar a ler e não ensinar a escrever), lutando para descentralizar os conhecimentos dos cargos eclesiásticos e da aristocracia, e alcançar os menos favorecidos. (MANACORDA, 2010)

Com a Reforma de Lutero, no século XVI, a Igreja Católica programou sua Contrarreforma, no Concílio de Trento, que focou muito a educação já que é uma área estratégica para formação de lideranças e transmissão de doutrinas. Esse concílio também reforçou e ampliou a proibição de muitos livros, considerando como heréticos todos aqueles publicados pelos reformadores (Lutero, Calvino, Balthazar e similares); livros obscenos ou livros de adivinhações, magias, entre outros assuntos que não fossem pertinentes ao que foi definido como edificante e/ou de fundamental importância. Especialmente nesse momento, o que interessava à Igreja Católica era a educação direcionada aos jovens e de camada social superior (os aristocratas), enquanto que os reformadores, sobretudo Lutero, se ocupavam com a educação das massas e também da juventude. Note que até aqui não se vê a participação ou se quer a menção da educação dedicada às crianças pequenas (de zero a seis anos de idade).

Em meio a esses contextos, guerras e conflitos entre católicos e protestantes eram inevitáveis. Sendo assim, a região que contemplava o Sacro-Império Germânico ficou de certa forma dividida, justamente por haver diferentes reinos regidos por príncipes de orientação católica e protestante. Na antiga Boemia, região de Comenius, pode-se perceber um maior impacto nessa época de conturbadas mudanças. Por ser uma das regiões com maioria católica, a repressão aos manifestos protestantes era rebatida com maior força (o apoio dos reis católicos fora de fundamental importância), de forma que alguns cidadãos buscavam em alguns Países Baixos (como Inglaterra e Suécia) exílio para fugir das perseguições.

Esse foi o caso de Comenius que, sendo um bispo protestante da região da antiga Morávia (Europa Setentrional), também teve que se exilar. No exílio produziu grandes obras,

que foram eternizadas, como *A Escola da Infância* (2011). Todavia, por estarem muito à frente de sua época, suas obras em geral foram ignoradas por quase dois séculos inteiros, diz Eby (1976, p. 174).

Comenius e a infância

Nascido em Nivnitz, em uma aldeia morávia, no ano de 1592, Comenius era descendente de um povo eslavo e de irmãos seguidores de Jan Hus. Portanto, sua concepção de educação, sociedade e religião já antecipava um cenário voltado de certa forma ao protestantismo. Sua fé religiosa era voltada muito à fraternidade, de forma simples e humilde, vendo o outro com olhos de piedade e, tal como seus antecessores, idealizava o resgate do cristianismo primitivo. Isto quer dizer que Comenius era um educador-religioso e sua proposta de educação estava pautada na religião cristã.

Para entender o pensamento desse educador sobre a educação da infância, recorreu-se ao estudo de um artigo do professor Wojciech Andrzej Kulesza (2015), especialista e tradutor de *A Escola da Infância* (2011). Originalmente, Comenius denominara essa obra de *A Escola Materna* (uma espécie de manual para mães, pais ou quaisquer que fossem aqueles que tivessem contato direto com a educação infantil), mas depois de algum tempo renomeou *A Escola da Infância*. Nessa obra, Comenius valida muito a educação infantil, pois entende que a construção do ser humano se dá ainda na infância. Pois se educa hoje para refletir um bem maior futuramente, ou seja, as etapas da longa jornada de se construir um adulto de caráter começam na infância.

Além disso, percebe-se que Comenius possui a característica ímpar de fazer referência a diversos trechos bíblicos, utilizando-os para a aplicação no ensino da criança, antes mesmo que ela chegue a ter um primeiro contato com a escola. Pois de acordo com Comenius, a educação das crianças de 0 a 6 anos de idade é responsabilidade dos pais e/ou responsáveis. Fazendo uma análise geral sobre o estudo proposto nota-se a importância de se compreender a complexidade do processo de formação da criança.

Segundo Kulesza, o “manual da infância” de Comenius explana desde os cuidados maternos no pré-natal até o momento em que a criança mergulha no universo escolar, lugar esse que recebe também orientações de como se dar continuidade ao trabalho iniciado em casa. Em síntese, Kulesza ressalta pontos específicos de cada capítulo do livro *A Escola da*

Infância, salientando, entre tantas ideias, a importância que Comenius atribui à ideia de se aprender com as crianças. Aliás, em outra de suas obras – *Didáctica Magna* (1976, p. 63-65) – Comenius também sugere que os adultos devem aprender com as crianças.

Eis que nós, adultos, que julgamos que só nós somos homens e vós sóis macaquinhos, só nós sábios e vós doidinhos, só nós faladores inteligentes e vós ainda não aptos para falar, eis que, enfim somos obrigados a vir à vossa escola! Vós fostes-nos dados como mestres, e as vossas obras são dadas às nossas como espelho e exemplo!”, acrescentando em seguida: “Cristo ordena que nós, adultos, nos convertamos para que nos façamos como criancinhas, isto é, para que desaprendamos os males que havíamos contraído com uma má educação e aprendido com os maus exemplos do mundo, e regressemos ao primitivo estado de simplicidade, de mansidão, de humildade, de castidade, de obediência, etc.”.

Recebendo das crianças tais qualidades e ensinando-as como cuidar de sua “alma”, a seguir bons costumes, obter uma educação moral e, por último, os conhecimentos “mundanos”, haverá uma troca. Mas nem todos os pais/mães estariam preparados ou, pode-se dizer também, dispostos para tanto. Alguns pais, por vezes, acreditavam que a criança não possuía ciência do que fazia ainda pequena e usavam esse argumento como alibi para não castigá-la ou repreendê-la. Não sabiam eles, diz Comenius, que se a “pequena criatura” tem a capacidade de espernear, chantagear ou dramatizar para obter algo, ela também entenderá quando lhe for dito um não e logo em seguida receber uma correção (que, em casos mais graves de desobediência e agressividade, poderá até mesmo se utilizar a vara). Em outras palavras, Comenius propunha que os pais colocassem limites a seus filhos. Partindo dessa realidade, de pais com dificuldades para educar seus filhos, teria surgido a escola. Do grego *skolé*, escola significa “um lugar de lazer”; entretanto, seja por causa de profissionais mal preparados, seja porque funcionava em ambientes mal estruturados, seja por outros fatores, a escola pode ter perdido esse sentido, avalia Comenius.

No que diz respeito ao ensino escolar (dos sete anos em diante naquela época), Comenius defende a importância do lúdico (brincar e aprender simultaneamente), a prática de exercícios físicos (criança saudável pratica exercícios), o contato com outras crianças e a adequação de conteúdos de acordo com a idade da criança – os mesmos temas seriam

ministrados em todas as séries, porém entregues às crianças em profundidades diferentes de acordo com sua capacidade de aprendizado.

Para que a criança chegasse a tanto quando se dispusesse a adentrar nesse novo ambiente, era necessário que já estivesse educada com princípios básicos ensinados em casa (ou até mesmo em contato com instituições religiosas, como defendia Comenius). A fé, por exemplo, já deveria estar disseminada na mente de uma criança de seis anos. A fim de que ela já soubesse que Deus existe, que ele observa a todos, que se fazem necessários princípios de obediência a ele (a fim de ser agraciado e não amaldiçoado), que se deve amá-lo e fazer o que ele mandar, e que seguindo a Deus se alcança o céu. Esses ensinamentos se dão de forma gradativa de acordo com a compreensão da criança.

Outro aspecto relevante de *A Escola da Infância*, bem acentuado por Kulesza (2015) e já citado neste artigo, é a ideia de que a educação constrói o ser humano, no sentido de que não se nasce simplesmente humano, mas se torna! Na visão de Comenius, para educar bem um ser humano é melhor prevenir do que remediar, ou seja, se a criança receber ensinamento ainda quando pequena, quando for adulta se tornará alguém que poderá corresponder melhor às expectativas sociais de uma verdadeira cidadã. E por falar em expectativas sociais, Kulesza sintetiza muito bem o pensamento de Comenius a respeito dos requisitos básicos que a criança deve possuir ao fim dos seis anos de idade para apresentar um bom comportamento, tais como: a moderação (de forma que reconheça que deve suprir apenas sua necessidade e não se deleitar em gula no que consome); asseio (ter prazer em estar limpo e saber pelo menos se portar à mesa); respeito aos superiores; cortesia; iniciativa à justiça; bondade e prontidão em servir os outros; prática de verdade – seguindo os ensinamentos de Cristo: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; não, não; pois o que passa daí, vem do Maligno.” (Mateus, 5,37) – entre outras disposições. Portanto, nota-se a preocupação de Comenius em construir em casa aquilo que irá refletir em toda uma sociedade de convívio (agindo de forma micro para alcançar um campo macro). Pois se em casa a criança já dispuser de pessoas dotadas de virtudes prontas a ensiná-las, fora dali ela aceitará somente algo compatível a isso.

Observações finais

Trazendo os ensinamentos de Comenius à realidade da sociedade atual, pode-se compreender o porquê de tantos cidadãos sem exercer de fato princípios de cidadania, moral e ética. Aquilo que devia ter sido construído como base (em seu lar) fora encarado como algo supérfluo e passível de ser ignorado. Quando pois se viu adulto, suas ideias de princípios eram somente o que fora ensinado pelo próprio “mundo”. Portanto, faz-se necessário

mães que estejam comprometidos não somente em dar à luz a uma criança, vesti-la e supri-la de alimentos. Mas, sim, que se comprometam em formar um futuro ser humano capaz de mostrar não apenas conhecimentos científicos, porém, possuir como bagagem uma cultura e uma atitude de vida saudável.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA CRISTÃ, versão atualizada de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

COMÊNIO, J. A. *Didáctica Magna*. 2ª ed. Lisboa: Gulbenkian, 1976.

COMENIUS, J. A. *A escola da infância*. Tradução de Wojciech Andrzej Kulesza. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

EBY, F. *História da Educação Moderna*. Porto Alegre, Globo, 1962.

KULESZA, W. A. Comenius e a Escola da Infância. In: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA REGIÃO TOCANTINA, 1, 2015, Imperatriz. *Anais...* São Luís: Edufma, 2015.

MANACORDA, M. A. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.